



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA



Espanhol • Inglês • Literatura • Língua Portuguesa • Redação

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Avenida Água Verde, 2140
Telefone: (0XX) 41 3340-1500
80240-900 CURITIBA - PARANÁ
www.diaadiaeducacao.pr.gov.br



Pré-vestibular



Literatura

Marcelo Brum Lemos

Colaborador Wilson Lemos Junior

AULA Nº 01

A LITERATURA DE INFORMAÇÃO 1500 - 1601

a) A Carta de Pero Vaz
Caminha - 1500

A frota portuguesa comandada pelo Capitão Pedro Álvares Cabral partiu do porto do Restelo, Lisboa, na manhã de 09 de março de 1500. Eram treze embarcações, que levavam marujos, padres, serviçais e prisioneiros (para serem trocados por mercadorias na Índia), comandados por alguns dos mais reconhecidos navegadores portugueses da época: Vasco de Ataíde, Bartolomeu Dias e Gaspar de Lemos, entre outros.

Após uma viagem de mais de quarenta dias pelo Atlântico, a esquadra alcançou a costa brasileira e aportou na região que hoje é identificada, exatamente por isso, como *Porto Seguro*, no estado da Bahia.

Após o desembarque, o escrivão Pero Vaz de Caminha iniciou a redação de uma carta ao rei Dom Manuel I, relatando, de maneira pormenorizada, a viagem até ali, a chegada em terra, as primeiras impressões da praia e, principalmente, o contato com os nativos.

Escrito entre 24 de abril e 01 de maio, o texto de Caminha fala da perda de uma das caravelas, na segunda semana da viagem, da “descoberta” do monte Pascoal, descreve o feitio dos habitantes locais e a exuberante natureza.

Seguem alguns trechos significativos de nosso primeiro documento literário.

Introdução

Senhor, posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Sobre a viagem e as primeiras impressões

E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha — segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas — os quais eram muita quantidade de ervas com-

pridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos.

Neste mesmo dia, a horas de véspera, houve-mos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz! Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças. E ao sol-posto umas seis léguas da terra, lançamos ancoras, em dezenove braças — ancoragem limpa. Ali ficamo-nos toda aquela noite. E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitura à terra, indo os navios pequenos diante — por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, doze, nove braças — até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras, em frente da boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos.

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.

Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa.

Dos que ali andavam, muitos — quase a maior parte — traziam aqueles bicos de osso nos beijos.

E alguns, que andavam sem eles, traziam os beijos furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

Acerca dos nativos

E estando Afonso Lopez, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, foi, por mandado do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meter-se logo no esquife a sondar o porto dentro. E tomou dois daqueles homens da terra que estavam numa almadia: mancebos e de bons corpos. Um deles trazia um arco, e seis ou sete setas. E na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas não os aproveitou. Logo, já de noite, levou-os à Capitania, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobrepenete, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com ele íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e

assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais.

Duas missas católicas foram realizadas durante a estadia dos portugueses

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arrajassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

Ali estava com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saíra de Belém, a qual esteve sempre bem alta, da parte do Evangelho.

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação, da história evangélica; e no fim tratou da nossa vida, e do achamento desta terra, referindo-se à Cruz, sob cuja obediência viemos, que veio muito a propósito, e fez muita devoção.

Enquanto assistimos à missa e ao sermão, estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos, como a de ontem, com seus arcos e setas, e andava folgando. E olhando-nos, sentaram. E depois de acabada a missa, quando nós sentados atendíamos a pregação, levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço. E alguns deles se metiam em almadias — duas ou três que lá tinham — as quais não são feitas como as que eu vi; apenas são três traves, atadas juntas. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quase nada da terra, só até onde podiam tomar pé.

Os prisioneiros (“degredados”) que foram deixados no Brasil

E o Capitão mandou a dois degredados e a Diogo Dias que fossem lá à aldeia e que de modo algum viessem a dormir às naus, ainda que os mandassem embora. E assim se foram.

(...)

Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, aos quais o Capitão ontem ordenara que de toda maneira lá dormissem, tinham voltado já de noite, por eles não quererem que lá ficassem. E traziam papagaios verdes; e outras aves pretas, quase como pegadas, com a diferença de terem o bico branco e rabos curtos.

A importância da fé cristã

E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul onde nos pareceu que seria melhor arvorear a cruz, para melhor ser vista. E ali marcou o Capitão o sítio onde haviam de fazer a cova para a fincar. E enquanto a iam abrindo, ele com todos nós outros fomos pela cruz, rio abaixo onde ela estava. E com os religiosos e sacerdotes que cantavam, à frente, fomos trazendo-a dali, a modo de procissão. Eram já aí quantidade deles, uns setenta ou oitenta; e quando nos assim viram chegar, alguns se foram meter debaixo dela, ajudar-nos. Passamos o rio, ao longo da praia; e fomos colocá-la onde havia de ficar, que será obra de dois tiros de besta do rio. Andando-se ali nisto, viriam bem cento cinquenta, ou mais. Plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco, a ela, perto de cinquenta ou sessenta deles, assentados todos de joelho assim como nós. E quando se veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco, e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim; e então tornaram-se a assentar, como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim como nós estávamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção.

Estiveram assim conosco até acabada a comunhão; e depois da comunhão, comungaram esses religiosos e sacerdotes; e o Capitão com alguns de nós outros. E alguns deles, por o Sol ser grande, levantaram-se enquanto estávamos comungando, e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinquenta ou cinquenta e cinco anos, se conservou ali com aqueles que ficaram. Esse, enquanto assim estávamos, juntava aqueles que ali tinham ficado, e ainda chamava outros. E andando assim entre

eles, falando-lhes, acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou com o dedo para o céu, como se lhes dissesse alguma coisa de bem; e nós assim o tomamos!

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima, e ficou na alva; e assim se subiu, junto ao altar, em uma cadeira; e ali nos pregou o Evangelho e dos Apóstolos cujo é o dia, tratando no fim da pregação desse vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção.

Esses que estiveram sempre à pregação estavam assim como nós olhando para ele. E aquele que digo, chamava alguns, que viessem ali. Alguns vinham e outros iam-se; e acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruces de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda. E houveram por bem que lançassem a cada um sua ao pescoço. Por essa causa se assentou o padre frei Henrique ao pé da cruz; e ali lançava a sua a todos — um a um — ao pescoço, atada em um fio, fazendo-lha primeiro beijar e levantar as mãos. Vinham a isso muitos; e lançavam-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinquenta. E isto acabado — era já bem uma hora depois do meio dia — viemos às naus a comer, onde o Capitão trouxe consigo aquele mesmo que fez aos outros aquele gesto para o altar e para o céu, (e um seu irmão com ele). A aquele fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca; e ao outro uma camisa destouras.

E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar; porque já então terão mais conhecimentos de nossa fé, pelos dois degredados que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram.

Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher, moça, a qual esteve sempre à missa, a qual deram um pano com que se cobrisse; e puseram-lho em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior — com respeito ao pudor.

Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive se se convertera, ou não, se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação.

Acabado isto, fomos perante eles beijar a cruz. E despedimo-nos e fomos comer.

Creio, Senhor, que, com estes dois degredados que aqui ficam, ficarão mais dois grumetes, que esta noite se saíram em terra, desta nau, no

esquife, fugidos, os quais não vieram mais. E cremos que ficarão aqui porque de manhã, trazendo a Deus fazemos nossa partida daqui.

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvessem vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos — terra que nos parecia muito extensa.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe.

Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em outra qualquer coisa que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro — o que d'Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Edição de base: Carta a El Rei D. Manuel, Dominus : São Paulo, 1963. NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística.

b) A importância da "Carta"

A carta de Pero Vaz de Caminha é considerada o marco inicial de nossa historiografia. Trata-se do primeiro texto escrito em terras brasileiras, que descreve a terra, a natureza e os nativos locais. Além disso, a língua com que foi redigida, a portuguesa, é hoje o nosso idioma nacional.

Embora não possa ser considerado um trabalho "literário", pois não se propõe "estético", a carta de Caminha é um texto muito bem construído, com um estilo sóbrio e descritivo. Há poucas metáforas, o que se deve ao seu evidente caráter informativo.

Há, é verdade, outros dois relatos da "descoberta" (ou "achamento") de terras brasileiras, redigidos por navegadores da esquadra de Cabral, mas nenhum deles é tão metódico ou bem composto como o de Caminha.

Já a visão edênica da natureza local é, sem dúvida, a semente de um "conceito" de Brasil como um país rico em recursos e belezas naturais.

c) A Crônica: Literatura dos Viajantes (séc. XVI)

Durante todo o século XVI e boa parte do século XVII, vários europeus (navegadores, exploradores, criminosos, estudiosos e padres jesuítas) irão explorar a nova terra descoberta, e muitos deles irão, a exemplo de Caminha, produzir relatos sobre a vida no novo continente. O conjunto desses textos, chamados de Literatura Informativa, forma um importante acervo sobre a formação sócio-cultural de nosso povo. São textos em que se decrevem, às vezes de maneira muito imaginativa, a vida dos silvícolas, dos colonos, os costumes locais, as características da mata selvagem, os animais pitorescos, a cultura indígena, etc. Dentre tantos escrivães, destacam-se alguns nomes: os portugueses Pero de Magalhães Gândavo, Pero Lopes de Sousa e Gabriel Soares de Sousa, o alemão Hans Staden, os franceses Jean de Lery e André Thevet e os padres jesuítas José de Anchieta, Manuel de Nóbrega e Fernão Cardim.

As descrições da natureza e da gente nativa servirão não apenas como fonte de pesquisa historiográfica ou sociológica, mas também esteticamente serão aproveitadas, quatro séculos depois, pelos artistas do Movimento Modernista de 1922. Poetas do século XX, como Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Murilo Mendes e Cassiano Ricardo, partirão das crônicas do século XVI para traçar um painel da cultura "original" do Brasil.

Atividade:

Em seu livro *Pau Brasil*, por exemplo, Oswald de Andrade reconta a história de nosso país parodiando ou, simplesmente, parafraseando a literatura dos antigos cronistas. Interprete o poema modernista transcrito a seguir. Para tanto estude a **relação intertextual** que se estabelece com a Carta de Pero Vaz de Caminha.

História do Brasil Pero Vaz Caminha

a descoberta

*Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava de Páscoa
Topamos aves
E houve vista de terra*

as meninas da gare

*Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós muito a olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha*

Gare: em francês, estação de ferro.

Oswald de Andrade (Modernismo de 1922)

Dentre tantos textos interessantes sobre o Brasil dos anos 1500, destacam-se também as descrições que fazem Hans Staden e Jean de Lery sobre os rituais antropofágicos realizados pelos índios, e os exageros inventivos de André Thevet.

Século XVI

Imagens da Época

1. Gravuras de Theodore de Bry



Assim que chegaram ao Brasil, os estrangeiros entraram em contato com os costumes indígenas. O canibalismo dos Tupinambás ficou conhecido devido aos relatos de Hans Staden. Segundo ele, os índios matavam e comiam seus adversários com o intuito de roubar-lhes as suas forças. A partir da invasão holandesa no Brasil, diversos artistas desta nacionalidade passaram a retratar a vida e os costumes dos nativos brasileiros, como Theodor De Bry e Albert Eckhout.

De certa forma, os relatos sobre o canibalismo supriam o interesse dos europeus sobre esse procedimento exótico. Nesta gravura de Theodor De Bry vemos a presença de um homem branco barbudo que representa a figura de Hans Staden. Os nativos são, aos olhos europeus, bárbaros em seus costumes.



Ilustração de Theodor de Bry (1593) para o livro *DUAS VIAGENS AO BRASIL*, de Hans Staden. Staden caiu prisioneiro dos índios Tupinambás e presenciou cenas de antropofagia. Aqui, algumas moças da tribo preparam um prisioneiro, fazendo pinturas em seu corpo, enquanto outras preparam o "ibirapema", isto é, o bastão com que o inimigo será sacrificado.

(acervo da biblioteca da
Casa de Portugal - SP)

2) Desenho de Jean de Lery sobre a vida dos índios (Fonte: IPAHB)

"Mas não dormi, porque, além do barulho que os selvagens fizeram a noite toda em meus ouvidos (...), e comerem o prisioneiro, um deles, trazendo na mão um dos pés deste, cozido e tostado, aproximou-se de mim e perguntou-me (como soube depois, porque então não entendi) se queria um pedaço; Comportamento este que provocou em mim tanto pavor que nem cabe perguntar se perdi toda a vontade de dormir."



AULA Nº 02

O TEATRO E A POESIA – LITERATURA DOS JESUÍTAS
SÉCULO XVI

a) José de Anchieta

O padre jesuíta José de Anchieta chegou ao Brasil no ano de 1549. Tinha 19 anos de idade e logo iniciou seu trabalho de educação e catequese de índios e colonos. Foi o fundador, com o também jesuíta Manoel de Nóbrega, de uma escola que originaria a cidade de São Paulo. Anchieta foi o autor da primeira gramática do tupi-guarani. Atuou como pacificador entre as belicosas tribos indígenas e escreveu peças teatrais moralizantes (“autos”), que serviam para colaborar com a educação religiosa do povo local. É, por isso, considerado o iniciador do teatro brasileiro. Escreveu também poemas em redondilhas (versos de 5 ou 7 sílabas poéticas) que expressam a fé católica e tematizam a brevidade da vida terrena.



*Imposição do Nome ao Batista.
(Frei Angélico – 1435)*

Pinturas como esta bem exemplificam a mentalidade dos Jesuítas. Embora tenha sido contemporâneo dos maiores gênios do Renascimento (como Leonardo da Vinci, Miquelângelo, Camões, Shakespeare), Anchieta certamente vivia os ideais da Contra-Reforma, o que explica a ingenuidade com que trata o tema da fé e também o uso de formas poéticas medievais, como a redondilha - estrutura poética.

O auto teatral

O “Auto” é uma forma teatral surgida na Idade Média, na península ibérica, e muito popular nos tempos de Anchieta, devido ao êxito das peças encenadas por Gil Vicente, o teatrólogo oficial da corte portuguesa na primeira metade do século XVI. Seguindo os moldes consagrados por Gil Vicente, Anchieta elaborava pequenos enredos alegóricos que retratavam a disputa entre as forças do bem e as do mal, em que, evidentemente, saíam vitoriosas as forças do bem.

Os textos eram, muitas vezes, escritos em redondilhas; Anchieta mesclava, ainda, diferentes idiomas (português, espanhol, tupi e latim). Havia trechos cantados, e improvisos. O auto é, de fato, um gênero híbrido: mistura teatro, poesia, música, comemoração.

Lembre-se:

A fórmula do auto teatral continua existindo, geralmente com as mesmas características, muito popular ainda no Nordeste, onde os vestígios da tradição ibérica se fazem mais presentes. Dois autos literários do século XX são hoje nacionalmente populares, devido às adaptações bem-sucedidas para a linguagem do cinema e da televisão: *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e *Morte e Vida Severina* – auto de Natal pernambucano, de João Cabral de Melo Neto (com músicas de Chico Buarque).

A poesia de Anchieta

Os versos compostos por padre Anchieta seguiam os padrões de uma cultura medieval, embora já a Europa vivesse o auge da cultura renascentista. Em caso algum pode ser considerada uma obra de importância estética, mas que, de qualquer forma, representa uma primeira produção poética em terras brasileiras. A mensagem religiosa é expressa de maneira ingênua por meio de redondilhas medievais e metáforas simples.

EXERCÍCIOS

01. Sobre a literatura produzida em terras brasileiras no primeiro século da colonização portuguesa, assinale (V) verdadeiro ou (F) falso:
- () Foram autores da literatura informativa no Brasil: Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gândavo, Pero Lopes de Sousa e os próprios padres jesuítas que escreviam às suas sedes européias cartas em que relatavam sobre a vida em meio aos índios e o processo de catequização.
 - () Foi Pero Vaz de Caminha o autor do primeiro texto escrito em português nas novas terras encontradas, descrevendo a viagem, a chegada à terra, o espanto com as belezas naturais e os rituais antropofágicos realizados pelos nativos.
 - () José de Anchieta foi padre jesuíta e realizou um papel social importante: fundador de S. Paulo, autor da primeira gramática do tupi-guarani, pacificador entre os índios e educador.
 - () Além da literatura de informação, foram produzidos poemas e autos teatrais por autores que, posteriormente, tiveram seus méritos reconhecidos: Gregório de Matos e José de Anchieta.
 - () Os jesuítas foram importantes para a literatura brasileira por terem produzido as primeiras poesias e os primeiros autos teatrais em terras brasileiras.
02. Leia atentamente o poema transcrito abaixo, de autoria de padre José de Anchieta, e depois responda as perguntas. Procure, em suas respostas, utilizar sempre a norma padrão da língua, sem abreviações, e elabore frases completas.

Das vaidades das coisas deste mundo...

*Não há coisa segura
Tudo quanto se vê
Se vai passando.
A vida não tem dura.
O bem se vai gastando.
Toda criatura
Passa voando.*

*Em Deus, meu criador,
Está todo o bem
e esperança,
meu gosto e meu amor
e bem-aventurança.
Quem serve a tal senhor
Não faz mudança.*

*Contente assim, minha alma,
De doce amor de Deus
Toda ferida,
O mundo deixa em calma,
Buscando a outra vida,
Na qual deseja ser
toda absorvida.*

*De pé do sacro monte
Meus olhos levantando
Ao alto cume,
Vi estar aberta a fonte
Do verdadeiro lume,
Que as trevas do meu peito
Todas consome.*

- a) Explique: qual é a temática do poema? Comprove exemplificando com os próprios versos do texto de Anchieta.

- b) No trecho final da terceira estrofe ("Na qual deseja ser toda absorvida."), quem (ou o quê) "deseja ser toda absorvida"?

- c) Converta a frase abaixo para a ordem direta:
**Que as trevas do meu peito
Todas consome.**

IMAGENS DA ÉPOCA

A ARTE EUROPÉIA



Monalisa – Leonardo da Vinci (1503) Ícone da expressão renascentista: estudo das técnicas para a representação da realidade; tons de cores “naturais”, posição do corpo (estudo de anatomia), detalhes de vestimenta, paisagem (a técnica da perspectiva).

* Museu do Louvre - Paris.



Ilustração do livro HABITUS PRAECIPUORUM POPULORUM..., de Hans Weigel, 1576 (reprodução Acervo da Biblioteca Casa de Portugal – SP)

Gravura que representa como os europeus imaginavam os indígenas americanos – repare que os padrões físicos não correspondem aos do nativo brasileiro, mas ao conceito de beleza do Renascimento europeu.

AULA Nº 03

LITERATURA BARROCA 1601 - 1768

a) O estilo barroco

Vejamos um pequeno exemplo de literatura produzida no Brasil no século XVII. Trata-se de um trecho de sermão religioso, de autoria do padre Antônio Vieira.

Sermão dos Peixes

"... A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário era menos mal. Se os pequenos comessem os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. (...) Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer!"

O Barroco foi um estilo predominante na Europa e nas Américas nos séculos XVII e XVIII, tanto nas artes plásticas (El Grieco, Rembrandt, Caravaggio – no Brasil o escultor Aleijadinho), quanto na música (Vivaldi, Bach, Haendel), na arquitetura e, obviamente, na literatura.

O estilo é marcado pelo gosto pelas **redundâncias e repetições** (de idéias e de palavras) pelo **efeito musical** do jogo de palavras, e pelo uso de **contraposições**. Bem se percebem tais características no texto de padre **Antônio Vieira** (1608/1697), transcrito acima. Nascido em Portugal, Vieira esteve no Brasil em missão jesuítica e aqui compilou seus sermões em textos escritos.

Da mesma forma, a **metáfora** (linguagem figurada) é um recurso muito freqüente na literatura barroca. Quando cita a palavra "peixe", no excerto acima, por exemplo, o padre Antônio Vieira faz uma metáfora, pois, de fato, estava dirigindo o seu discurso ao ser humano. Repare, neste outro trecho, como Vieira ressalta a simbólica imagem de um menino para referir-se ao "amor".

"Primeiramente só Cristo amou, porque amou sabendo. Para inteligência desta amorosa verdade, havemos de supor outra não menos certa, e é que, no Mundo e entre os homens, isto que

vulgarmente se chama amor, não é amor, é ignorância. Pois se há também amor que dure muitos anos, por que no-lo pintam os sábios sempre menino? Desta vez cuido que hei de acertar a causa. Pinta-se o amor sempre menino, porque, ainda que passe dos sete anos como o de Jacó, nunca chega à idade da razão!"



Santuário do Bom Jesus do de Matosinhos, em Congonhas do Campo

A arte barroca se desenvolveu em quase todos os estados brasileiros. No entanto, em alguns estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, o barroco viveu seu ápice. E foi justamente em Minas Gerais que o Brasil conheceu o escultor "Aleijadinho", cujo nome real era Antônio Francisco Lisboa. O retrato acima mostra o Santuário do Bom Jesus do de Matosinhos, em Congonhas do Campo. Nesta igreja, encontram-se esculturas dos 12 profetas, feitas em pedra sabão. Aleijadinho representou cada apóstolo em gestos diferentes, o que dá a impressão, ao observador, de que as esculturas estão em movimento.

Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo – MG
Escultura de Aleijadinho



PROFETA ABDIAS

Destaque merece também o nosso primeiro grande poeta: **Gregório de Matos e Guerra**, nascido na Bahia em 1636. O autor seiscentista compôs poemas líricos e satíricos, sempre marcados por recursos de linguagem que exploram a idéia de oposição, tais como as **antíteses** (palavras de

sentidos contrários colocadas próximas uma da outra – repare na oposição entre o conceito de “flor”, beleza física, e “anjo”, beleza espiritual, no poema abaixo) e os **paradoxos** (idéia contraditória, em “Sois anjo que me tenta...”, pois como um “anjo”, figura espiritual e divina, pode trazer a “tentação” carnal?).

(À Dona Ângela)

*Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é ser flor e Anjo juntamente:
Ser angélica flor e anjo florente,
Em quem, senão em vós, se uniformara:*

*Quem vira uma tal flor, que a não cortara,
Do verde pé, da rama florescente;
E quem um anjo vira tão luzente
Que por seu Deus não o idolatrara?*

*Se pois como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu Custódio, e a minha guarda,
Livrara eu de diabólicos azares.*

*Mas vejo que, por bela e por galharda,
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.*

b) Enquanto isso, na Europa...

Após um longo período medieval (século V ao século XV), marcado por uma fé cristã opressora e por um poder quase irrestrito do Papa, um momento de valorização do ser humano (antropocentrismo) começou a impor-se, a partir do século XIV, na Itália. Logo, os demais países passaram a viver, cada qual a seu tempo, os ideais da Renascença. A Igreja Católica perde influência e é questionada pelo movimento de Reforma, movido por Martinho Lutero, a partir de 1516, e pelo Protestantismo, iniciado por Calvino. Mas com a Contra-Reforma (1532), a Igreja Católica adotou sérias medidas para proteger-se das conquistas protestantes, e retomou parte de sua força política e social.

Nesse meio conturbado surge o estilo Barroco, caracterizado pelo exagero formal e o gosto pelos contrastes violentos. Na música de Johann Sebastian Bach e de Antonio Vivaldi, por exemplo, as sonoridades intensas e leves, os graves e os agudos, os movimentos velozes e os lentos, alternam-se repetidamente. Ouça estas marcas de estilo em “As Quatro Estações” (Vivaldi) ou na “Tocata e Fuga em Ré Menor” (Bach), peça rebuscada composta para órgão de igreja. Bach foi,

na primeira metade do século XVIII, uma dos principais músicos protestantes da Alemanha.

Ao gosto clássico, racional e técnico da arte renascentista foi anexado o sentimento contraditório do barroco, simultaneamente espiritual e humanista.

Nas pinturas de Rembrandt (Holanda), Caravaggio (Itália) ou Velazquez (Espanha), por exemplo, notam-se cenas de intenso brilho que contrastam com regiões quase totalmente escurecidas do quadro. Os artistas preferem retratar cenas de movimento, em que episódios mitológicos ou cristãos são registrados de maneira rebuscada e virtuosa. Em “Descida”, do holandês Pieter Paul Rubens, uma cena bíblica, o tema é religioso, mas representado à maneira barroca: Luz intensa sobre o corpo de Jesus Cristo em contraste com a escuridão ao redor. Da mesma forma, Jesus aparece representado como ser humano que foi, sujeito às dores e ao sofrimento carnal, como todos nós.



Descida. Pieter Paul Rubens 1612

Na literatura, sobretudo espanhola (fonte de inspiração de nosso maior poeta barroco, Gregório de Matos), chocavam-se os interesses de duas posturas artísticas muito distintas, o **Conceptismo** e o **Cultismo**.

O Cultismo, defendido pelo poeta Luís de Gôngora y Argote (1561 – 1627), caracteriza-se pelo emprego de metáforas arrojadas, neologismos, alusões mitológicas, muitos paradoxos e antíteses. Para os cultistas o tema é secundário; o estilo artístico, o rebuscado jogo de palavras, é o que de fato importa.

Já os Conceptistas, seguidores do poeta Francisco Gómez Quevedo y Villegas, acreditam no conceito, isto é, que se deve priorizar o jogo de idéias, fundamentado nas sutilezas do raciocínio e nas associações (metáforas e comparações) inesperadas. Expunham, por meio dos paradoxos, juízos muitas vezes contraditórios ao senso comum.

Verifique como, neste trecho, Antônio Vieira ataca o estilo cultista, segundo ele, um emaranhado de palavras destituídas de significado:

"Será por ventura o estilo que se usa hoje nos púlpitos? Um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda a arte e toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso, Cristo comparou o pregar ao semear. Compara Cristo o pregar ao semear porque o semear é uma arte que tem mais da natureza que da arte.

Já que falo contra os estilos modernos, quero alegar por mim o estilo do mais antigo pregador que houve no Mundo. E qual foi ele? O mais antigo pregador que houve no Mundo foi o Céu. Suposto que o Céu é pregador, deve ter sermões e deve ter palavras. E quais são estes sermões e estas palavras do Céu? – As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. O pregar há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Não fez Deus o Céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, de outra há de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há de estar noite? Se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário?"

VIEIRA, Pe. Antônio. In: *Vieira – Sermões*, RJ, Agir, 1960, p. 107.

Note que mesmo criticando o estilo rebuscado e ironizando a mania cultista de montar jogos de contraposições absolutos ("Não fez Deus o Céu em xadrez de estrelas"), Vieira não deixa de expor suas idéias de uma maneira bastante ornamentada. Repare como o autor sempre retoma, no início de cada período, as expressões do período anterior, provocando um efeito de circularidade no texto, o que contribui para conduzir o leitor à sua linha de raciocínio.

c) No Brasil

O Barroco espanhol e o Barroco português foram os que mais influenciaram as artes da colônia brasileira. Além de uma produção arquitetônica de importância incontestável (principalmente no Nordeste e em Minas Gerais), o estilo marcou as artes plásticas, a música e a literatura brasileira.

O primeiro trabalho literário do nosso Barroco foi publicado em 1601 e chama-se *Prosopopéia*. Trata-se de um poema épico de estilo claramente inspirado em *Os Lusíadas*, de Camões, mas de qualidade artística muito inferior. Seu autor foi **Bento Teixeira**. Também mereceu destaque, além de Teixeira, Gregório de Matos e Antônio Vieira, o poeta **Botelho de Oliveira**.

EXERCÍCIOS

01. (CEFET-PR)

*"O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo."*

No excerto poético citado, o poeta seiscentista Gregório de Mattos, destaca:

- a) a divisão irremediável entre a parte e o todo.
- b) a dessemelhança das partes entre si.
- c) a totalidade.
- d) o uso da metonímia em que a parte não representa a totalidade.
- e) o uso de antíteses que enfatizam a diferença entre a parte e o todo.

02. A Jesus Cristo Nosso Senhor

*Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido;
Que a mesma culpa que vos hã ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,*

*Eu sou, senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

a) Pois bem, conhecendo a obra de Gregório de Matos, responda: esse é um poema satírico, lírico-amoroso ou religioso? Por quê?

b) Há antíteses? Onde? Copie-as.

c) Explique como Gregório tenta convencer Deus de que deve ganhar o paraíso mesmo admitindo-se um pecador.

d) Explique como se evidencia a crise existencial do homem do século XVII, nesse poema.

GABARITO

1) c

2)

- a) Trata-se de um poema religioso; não há sátira. Apesar da "chantagem" que o poeta propõe a Jesus Cristo, fica evidente o temor da perdição da alma.
- b) Ofendido x lisonjeado; perdão x pecado; perdida x cobrada.
- c) Gregório de Matos usa da parábola bíblica da "ovelha desgarrada", admitindo-se grande pecador ("Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada") e diz contar com a capacidade infinita do perdão divino.
- d) Gregório de Matos conversa com Jesus Cristo em tom humanista, como se "negociasse" uma questão terrena, e não espiritual.

IMAGENS DE ÉPOCA

ARTE BARROCA NA EUROPA



1. CARAVAGGIO – A CEIA EM EMAÚS – (1600-1601)

Caracterizada pelo uso do contraste entre luz e sombra, a arte barroca se expandiu pela Europa no século XVII. Patrocinada pela Igreja Católica, que procurava na arte uma forma de reforçar suas doutrinas abaladas pela Reforma Protestante liderada por Martinho Lutero, a arte barroca contou com um grande número de protagonistas como o italiano Caravaggio, o holandês Rembrandt e o espanhol Diego Velásquez.



2. AS MENINAS – DIEGO VELÁZQUEZ – 1656

Foi no período Barroco que o espanhol Diego Velásquez pintou o quadro *A Família*, que mais tarde passaria a se chamar *As Meninas*. Nesta obra, utilizando o **contraste de luz e sombra**, o artista retrata a infanta Margarida com suas damas de companhia. Com extrema criatividade, o artista retratou também o casal real e a si mesmo através do reflexo de um espelho. A obra possui um caráter intimista, resultado da subjetividade do artista.

AULA Nº 04

BARROCO: GREGÓRIO DE MATOS século XVII

Gregório de Matos e Guerra, o
“Boca do Inferno”

Gregório de Matos nasceu na Bahia, capital da colônia brasileira no século XVII. Estudou em colégio de jesuítas e formou-se em Direito Canônico pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Rico e influente, ocupou o cargo de juiz e, mais tarde, de volta ao Brasil, clérigo e advogado. Muito influenciado por poetas espanhóis do estilo barroco (Quevedo e Gôngora, notadamente), desenvolveu uma lírica rebuscada, que declamava ao público das esquinas e das tavernas, muitas vezes acompanhado por sua própria viola. Escreveu, bem ao sabor contraditório de sua época, poesia **sacra** (religiosa) e **satírica**, muitas vezes **erótica**. Fez também poemas líricos, de **amor** (como “À mesma Dona Ângela”), ou discutindo temas **filosóficos**. Era, como se nota a seguir, excelente sonetista.

(Moraliza o poeta nos ocidentes do sol a inconstância dos bens do mundo)

*Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.*

*Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena aqui se fia?*

*Mas no Sol, e na Luz falte firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se tristeza.*

*Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.*

Este é um exemplar da poesia **filosófica**, de Gregório de Matos. Muito ao estilo do espanhol Luís de Gôngora, o brasileiro faz uma reflexão acerca da “inconstância dos bens (materiais) do mundo”, ou seja, pergunta-se o porquê das coisas belas (flor, beleza, luz) transformarem-se, com a passagem do tempo e perecerem. A resposta vem na forma da afirmação paradoxal: “E tem qualquer

dos bens por natureza / A firmeza somente na inconstância”, ou seja, a firmeza das coisas está justamente no fato de serem inconstantes.

Já a sua poesia religiosa é também marcada pela dualidade humano / divino. O eu lírico tenta conciliar os valores terrenos (e a inevitabilidade do pecado) ao perdão divino.

(A Jesus Cristo Nosso Senhor)

*Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinqüido,
Vós tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vós irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa que vos há ofendido,
Vós tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer repentino
Vós deu, como afirmais na sacra história,*

*Eu sou, senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*



*Pintura do teto da Igreja São Francisco de Assis –
Ouro Preto – MG – Manuel da Costa Ataíde*

A pintura barroca brasileira, assim como em parte da Europa, também estava a serviço da Igreja Católica. Desta forma, as maiores pinturas barrocas brasileiras são encontradas no interior destas igrejas. A obra retratada é a pintura do teto da Igreja de São Francisco do Assis, em Ouro Preto, Minas Gerais, executada por Manoel da Costa Ataíde.

Vejamos agora um poema (uma “décima”), de caráter bem distinto dos já referidos.

(A uma freira que satirizando a delgada fisionomia do poeta lhe chamou “pica-flor”)

*Se Pica-Flor me chamais,
Pica-Flor aceito ser,
Mas resta agora saber
Se no nome que me dais
Meteis a flor que guardais
No passarinho melhor!
Se me dais este favor,
Sendo só de mim o Pica,
E o mais vosso, claro fica,
Que fico então Pica-Flor*

Repare aqui como o poeta usa da expressão “pica-flor” (nome dado, à época, ao pássaro beija-flor) para referir-se, maliciosamente, a uma relação de erotismo. Seu objetivo, além de simplesmente fazer sátira, era também, por certo, ofender a freira citada no título e, por consequência, atacar a falsa moralidade do sistema clerical. Por estes e outros exemplos de sua **lírica satírica**, ficou Gregório de Matos conhecido à sua época como o “Boca do Inferno”; foi perseguido e, finalmente, expulso do Brasil, passando a viver em Angola. Vejamos outro soneto:

(Aos Fidalgos Caramurus)

*Um calção de pindoba a meia zorra,
Camisa de urucu, mantêu de arara,
Em lugar de cotó, arco e taquara,
Penacho de guarás em vez de gorra.*

*Furado o beijo, sem temor que morra,
O pai que lho envazou com uma titara,
Senão a mãe, a pedra lhe aplicara
A reprimir-lhe o sangue, que não corra.*

*Alarve sem razão, bruto sem fé,
Sem mais lei que a do gosto, quando berra,
De arecuná se tornou abaité.*

*Não sei como acabou, nem em que guerra;
Só sei que do Adão de Marapé
Procedem os fidalgos desta terra.*

Perceba como Gregório, querendo ofender os fidalgos da Bahia, revela-lhes a ascendência nativa, chamando-os de “brutos sem fé”, “abaité” (gente feia), e descendentes do “Adão de Marapé”.

Pelo vocabulário de que se utiliza, que inclui por vezes palavras de origem tupi e africana, Gregório de Matos pode ser considerado o primeiro representante de uma literatura que se defina como “autenticamente brasileira”. Além disso, sua poesia erótica e satírica serve como documento acerca da vida moral e dos costumes da cidade da Bahia em sua época. O vasto painel de seus personagens satirizados inclui padres, freiras, militares e altos funcionários do governo, nobres, judeus, escravos e índios. Sua língua mordaz não perdoa a sociedade de seu tempo. Como em vida Gregório de Matos não fez publicar a sua obra, os “títulos” que aparecem entre parênteses foram anexados ao texto por outros autores, já no século XVIII. O soneto abaixo foi parcialmente musicado por Caetano Veloso, em seu disco “Transa”, em 1972. Repare como o músico transpõe para a linguagem sonora as características do texto de Gregório de Matos.

(Pondo os olhos primeiramente na sua cidade, conhece que os mercadores são o primeiro móvel da ruína, em que arde pelas mercadorias inúteis e enganosas)

*Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.*

*A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.*

*Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.*

*Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanhecera tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!*

Brichote: termo pejorativo para designar pessoa estrangeira.

EXERCÍCIOS

01. (CEFET-PR)

*"Queimada veja eu a terra,
onde o torpe idiotismo
chama aos entendidos nêscios,
aos nêscios chama entendidos.
Queimada veja eu a terra,
Onde em casa, e nos corrilhos
Os asnos me chamam d'asno,
Parece coisa de riso.
Eu sei de um clérigo zote
Parente em grau conhecido
Destes, que não sabem musa, mau grego e pior
latim
Famoso em cartas, e dados*

(...)

*Ambicioso, avarento,
Das próprias negras amigo."*

No fragmento poético-satírico acima, o poeta Gregório de Mattos, ao sair da Bahia colonial, escreve sobre essa sociedade e seus integrantes. Podemos afirmar que, nesse fragmento, o poeta:

- demonstra grande apreço pela sociedade baiana.
- reforça o preconceito em relação ao elemento negro.
- fortalece uma visão positiva do consórcio das raças.
- usa de antítese, características da linguagem barroca, para exaltar os baianos.
- descreve de modo imparcial o meio colonial baiano.

02. (PUC/Campinas-SP) Observe os dois textos abaixo:

- Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.
- A cada canto um grande conselheiro
Que nos quer governar cabana e vinha,
Não sabem governar sua cozinha
E podem governar o mundo inteiro.

Os dois poemas acima pertencem ao mesmo poeta e identificam:

- texto a: gênero lírico-sacro; texto b: gênero satírico. São versos de Padre Antônio Vieira, poeta barroco do século XVII.
- Texto a: gênero lírico-religioso; texto b: gênero satírico. São versos de Pero Vaz de Caminha, cronista do século XVI.
- Texto a: poesia satírica; texto b: poesia filosófica. São versos de Botelho de Oliveira, principal poeta do barroco brasileiro.
- Texto a: poesia que reconhece a condição pecadora do homem; texto b: versos satíricos, de crítica social. São de autoria do baiano seiscentista Gregório de Matos.
- Texto a: poesia de arrependimento; texto b: poesia satírica. São versos do jesuíta José de Anchieta, poeta quinhentista.

03. (UF Viçosa-MG) Leia o texto:

*Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trata a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.*

*Ó, não aguardes que a madura idade,
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em nada.*

(Gregório de Matos)

Os tercetos acima ilustram:

- O caráter de jogo verbal próprio da poesia do século XVI, sustentando uma crítica à preocupação feminina com a beleza.
- O jogo metafórico típico do Barroco, a respeito da fugacidade da vida, axaltando o gozo do momento.

- c) O estilo pedagógico da poesia neoclássica, ratificando as reflexões do poeta sobre as mulheres maduras.
- d) As características de um texto barroco, porque fala de flores, terras e sombras.
- e) Uma poesia que fala de uma existência mais materialista do que espiritual, própria da visão de mundo dos cultistas.

GABARITO

1) b

2) d

3) b

ANOTAÇÕES